

REVISTA



ECOS

**LITERATURAS, LINGUÍSTICAS,
HISTÓRIAS E CULTURAS**

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso


UNEMAT
EDITORA


EPLIT
Centro de Pesquisa
em Literatura


CEPEL
Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Editores/Organizadores

Agnaldo Rodrigues da Silva
Taisir Mahmudo Karim

Projeto Gráfico (impresa)

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2015 / Unemat Editora
Impresso no Brasil - 2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Coordenadoria de Bibliotecas
UNEMAT - Cáceres

ISSN: 2316-3933 (*Online*)

ISSN: 1806-0331 (*Impressa*)

Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas.

Editores/Organizadores: Agnaldo Rodrigues da Silva / Taisir Mahmudo Karim (Revista do Centro de Pesquisa em Literatura e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários). Cáceres-MT : Unemat Editora, 2016.

249 p.

1. Literatura 2. Linguística

Semestral (Ref.: Jul 2015 - Dez 2015). Vol. 19, ano 12, n. 2 (2015)

CDU: 81

Índices para catálogo sistemático

1. Literatura - 82

2. Linguística - 81



REVISTA ECOS - Grupo de pesquisa em estudos da Arte e da Literatura comparada - Centro de Pesquisa em Literatura / Programa de Pós-graduação em Estudos Literários
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres MT - Brasil - 78200000
Tel: 65 3221-0023 - revistaecos.unemat@gmail.com



UNEMAT Editora
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres - MT - Brasil - 78200000
Fone/Fax 65 3221-0023 - www.unemat.br - editora@unemat.br

Todos os Direitos Reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Reitora	Ana Maria Di Renzo
Vice-Reitor	Ariel Lopes Torres
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação	Vera Lúcia da Rocha Maquêa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação	Rodrigo Bruno Zanin
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura	Alexandre Gonçalves Porto
Pró-Reitoria de Gestão Financeira	Ezequiel Nunes Pacheco
Pró-Reitor de Planejamento e Tecnologia da Informação	Francisco Lledo dos Santos
Pró-Reitoria de Administração	Valter Gustavo Danzer
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis	Anderson Marque do Amaral

CENTRO DE PESQUISA EM LITERATURA Agnaldo Rodrigues da Silva

CONSELHO EDITORIAL/REVISTA ECOS

Agnaldo Rodrigues da Silva - UNEMAT (Presidente)
Elza Assumpção Miné - USP
Inocência Mata – Universidade de Lisboa/Portugal
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida – USP
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP
Maria Fernanda Antunes de Abreu – Universidade Nova de Lisboa/Portugal
Mônica Graciela Zoppi Fontana - UNICAMP
Roberto Leiser Baronas - UFSCar
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT
Tânia Celestino de Macedo – USP
Valdir Heitor Barzotto – USP

CONSELHO TEMÁTICO CONSULTIVO

Agnaldo José Gonçalves – UNESP
Águeda Aparecida Cruz Borges - UFMT
Ana Antônia de A. Peterson - UFMT
Ana Maria Di Renzo –UNEMAT
Benjamin Abdala Junior –USP
Célia Maria Domingues da Rocha Reis - UFMT
Eduardo Guimarães - UNICAMP
Elizete Dall'Comune Hunhoff - UNEMAT
Elza Assumpção Miné - USP
Isaac Newton Almeida Ramos - UNEMAT
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique
José Carlos Paes de Almeida Filho - UNICAMP
Liliane Batista Barros - UFPA
Luiz Francisco Dias - UFMG
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP
Mário César Leite - UFMT
Mônica Graciela Zoppi Fontana – UNICAMP
Nelly Novaes Coelho - USP
Rita de Cássia Natal Chaves - USP
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT
Tânia Celestino de Macedo – USP
Valdir Heitor Barzotto – USP
Vera Lúcia da Rocha Maquêa - UNEMAT
Yasmin Jamil Nadaf - Academia Mato-Grossense de Letras
Walnice de Matos Vilalva – UNEMAT

REVISTA



ECCOS

LITERATURA



DIREITO À MIGRAÇÃO E DROMOMANIA: UMA
LIÇÃO DOS CLÁSSICOS DA LITERATURA

MIGRATION RIGHT AND DROMOMANY: A LESSON
FROM LITERARY CLASSICS

Paolo Targioni¹

Período de recebimento dos textos: 01/06/2015 a 30/09/2015

Data de aceite: 30/10/2015

Resumo: O tema da migração está cada vez mais presente no debate sobre os problemas do mundo contemporâneo. Pessoas querendo sair de um País, entrar em outro, mudar de novo para outro ainda; parece quase que a dromomania não seja mais aquela característica romântica exclusiva dos povos ciganos. Além destes migrantes tradicionais existem outros tipos que foram descritos por autores como Knut Hamsun e Joseph Von Eichendorff e que não se encaixam no modelo clássico de migrante. São migrantes que não migram por motivos econômicos ou para fugir de guerras, eles fogem de uma sociedade na qual não se encaixam e que não tem lugar para eles.

Palavras-chave: Claudio Magris; Estrangeiro; Outsider; Joseph Von Eichendorff; Knut Hamsun.

Abstract: The migration issue is increasingly present in the debate on the contemporary world's problems. People getting out of a country, entering another, change again for another more; seems almost that dromomaniac is no longer the exclusive romantic feature of gypsy people. Apart from these traditional migrants, there are other types that were described by authors as Knut Hamsun and Joseph Von Eichendorff and that do not fit the migrant classic model. These are migrants who do not migrate for economic reasons or to escape wars, they flee from a society in which they do not fit and that has no place for them.

Keywords: Claudio Magris; Stranger; Outsider; Joseph Von Eichendorff; Knut Hamsun.

1 Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT, Mestre em Sociologia e Mestre em Letras.

O tema da migração está cada vez mais presente no debate sobre os problemas do mundo contemporâneo. Pessoas querendo sair de um País, entrar em outro, mudar de novo para outro ainda; parece quase que a dromomania² não seja mais aquela característica romântica exclusiva dos povos ciganos.

A migração contemporânea, que nada tem de diferente das precedentes ondas migratórias a não ser a direção, está caracterizada também por outros tipos de desejos que não são somente os desejos econômicos de deserdados que querem alcançar, por exemplo, a “fortaleza Europa”. Hoje como ontem existe um tipo de migração que sempre existiu, mas que, apesar de ser completamente distinta das demais, está incluída nas estatísticas que relatam de desesperados atravessando os desertos mexicanos ou o mar mediterrâneo para chegar ao bem estar econômico.

Uma migração como aquela do personagem criado por Johnatan Swift já no nem tão longe século XVII: Robinson Crusoe. Ele decide sair da Inglaterra, seu país natal, por que, como ele mesmo relata no começo livro, não é educado em nenhuma arte e quer abandonar a Inglaterra para ver o mundo, mesmo contra os desejos e as ordens do pai. Este tipo de viajante: andarilho, aventureiro, vagabundo, não encaixado na economia local deste ou daquele país, hoje não tem mais direito de ser o viajante que séculos de literatura enaltecera desde os primórdios, com Gilgamesh e com o Aladim das Mil e uma Noites.

Estes viajantes contemporâneos podem ser entendidos por meio de uma literatura que tem suas origens na obra do barão alemão Joseph Von Eichendorff, criador do personagem do *bom-para-nada*, que pode ser considerado o fundador deste Panteão de anti-heróis totalmente inaptos a viver no mundo que os circunda e que por isso são obrigados a uma dromomania incessante.

1 – O direito de se sentir fora do mundo

Joseph Von Eichendorff, escritor alemão, descendente de uma pequena família da nobreza terrestre alemã decaída, compõe a sua obra

em uma Alemanha ainda fragmentada (orientada ao modelo do absolutismo prussiano) onde as estruturas feudais estão aos poucos desaparecendo para dar lugar à industrialização e ao processo de racionalização³.

Um momento de mudança radical na sociedade onde Eichendorff vive e que se reflete em seus livros. Desse modo, seus personagens, que estão vivendo este momento de transformação da sociedade alemã e do mundo ao seu redor, não sabem como se comportar. O herói do livro, o “bom-para-nada”, é um garoto

2 Mania de andar, de fugir.

3 VON EICHENDORFF, Joseph. *Vita di un perdigiorno*. Milão, BUR, 1999, p. 15, Introduzione a cura de SCHIAVONI, Giulio, “in una Germania ancora atomizzata (orientata sul modello dell’assolutismo prussiano) in cui le strutture feudali stanno gradualmente tramontando per far posto all’industrializzazione e al processo di razionalizzazione” trad. minha.

austríaco que um dia decide sair de casa quando o pai dele o repreende porque ele não estava trabalhando:

saiu de casa com seu chapéu de dormir meio torto na cabeça e me diz: “seu bom-para-nada! Eis você de novo estirando seus membros cansados e me deixando fazer todo o trabalho sozinho. Não vou te dar comida nunca mais. A primavera já está chegando. Por isso fora, no grande mundo sozinho e vai ganhar seu pão por uma vez na vida”⁴.

O pai dele, um moleiro, considera o menino um “bom-para-nada” e não tem problema em dizer isso para ele. Já na primeira página do texto nos deparamos com o julgamento que a recém-nascida sociedade burguesa faz: esta sociedade condena a pessoa que não trabalha, que não produz, a não fazer parte integrante dela. Este tipo de pessoa, assim como o protagonista do livro, é um *outsider*, alguém que não tem dignidade de viver em meio aos outros que trabalham e que se encontram obrigados a mantê-lo. A acusação do pai dele, a recusa em sustentá-lo, é o resultado da mentalidade nascente na Europa da época e contra a qual o autor sente quase uma repulsa.

Ao mesmo tempo em que o “bom-para-nada” é acusado, ele sabe se defender e, como uma prova de orgulho, abandona a cidade natal: “‘certo’ disse, ‘sou um bom-para-nada, está bem, com certeza vou enfrentar o mundo em busca da minha sorte’. E na realidade eu estava quase feliz disso”⁵.

Ao sair de casa para se aventurar pelo mundo não esquece de pegar o seu violino, um instrumento que o acompanhará, e que nos acompanhará, ao longo de todo o livro; um instrumento que, nas várias ocasiões em que é tocado por ele, deixa uma música no coração, uma música que o ajuda em tantas situações ruins do seu vagar.

Este violino e o pouco dinheiro que tem consigo são o suficiente para começar uma nova vida, uma vida de vagabundo, um eterno domingo. É uma felicidade que comparece quando, ao ver seus amigos indo trabalhar, fazendo a mesma coisa dia após dia, ele “estava livre para vagar pelo mundo sem nenhum destino específico”⁶, livre para passear, livre para dormir onde quiser, livre por não ter que voltar ao mesmo lar todo dia, livre para estar em contato com a natureza. Uma liberdade positiva, uma ruptura com o seu mundo, o que lhe traz felicidade, libertação. A libertação da rotina e das obrigações de trabalho impostas pela nova sociedade se manifesta em canções e poemas que ele canta acompanhado de seu violino ao longo da história toda.

4 VON HEICHENDORFF, Joseph. *Life of a good-for-nothing*. Londres, Hesperus Press Limited, 2002, p. 3 came out of doors with his nightcap on askew and said me: ‘You good-for-nothing! There you are sunning yourself again and stretching your weary limbs and leaving me to do all the work by myself. I can’t go on feeding you any longer. Spring is coming. So out into the wide world with you and earn your own living for once’ trad. Minha.

5 Ibidem, p. 3 “‘right’ i said, ‘I am a good-for-nothing, that’s fine, I certainly will go out into the world and seek my fortune’. And in fact I was quite happy with that” trad. minha

6 ibidem, p. 3, “was free to wander of into the world” trad. minha.

A característica principal deste personagem é a capacidade de vagar, vagabundear, recusando a integração na nova sociedade, “como uma ave mas sem ter a obrigação de voar”⁷, um pássaro, mas sem nenhuma obrigação de voar, um ser livre que vaga de um lugar para outro simplesmente dormindo, mesmo quando sente o imperativo moral de voltar para casa, sente saudade da própria cidade, alguma coisa acontece com ele “sentia a estranha sensação que eu devia voltar. Pus meu violino entre a jaqueta e o colete, sentei meditando na calçada, e dormi”⁸. Dormir como uma maneira de esquecer os problemas e a saudade, mas o dormir também como algo que ajuda a renascer, acordar em uma nova vida. Depois deste episódio, na realidade, acontece algo que muda sua vida: ele vai trabalhar numa casa onde conhece o amor e, por um certo tempo, obtém o reconhecimento desta nova sociedade burguesa, se inserindo nela por meio do trabalho.

Uma inserção que não dura, pois, após algum tempo, ele volta a vagabundear de novo, querendo viajar para conhecer a Itália, o país “onde crescem as laranjas”⁹. Um país sonhado graças aos contos de um amigo que havia viajado e descrito as maravilhas do mundo para ele.

Este seu vagabundear é uma volta à natureza porque, como afirma o crítico italiano Claudio Magris “a natureza [...] é a casa do viajante que na grama, em baixo do céu, com o rio e a palha, encontra a linda casa arrumada pelo bom Deus”¹⁰, uma natureza imaginária, uma natureza cuja beleza está neste abrigo que ela oferece a um homem sem colocação certa no mundo novo.

Este “bom-para-nada” não procura dinheiro ou reconhecimentos, parece estar feliz com o mínimo para comer e beber e não tem problema em fazer qualquer tipo de trabalho. O que interessa para ele parece ser a possibilidade de olhar, sem ser visto, a sua linda amada, o importante é não parecer bobo ou pobre aos olhos dela, o importante é meditar em relação à sabedoria popular, refletindo sobre ditados e canções, como se se tratasse da sabedoria absoluta.

Mas a filosofia deste homem pode ser resumida em uma frase só que ele pronuncia se comparando aos seus conhecidos e refletindo sobre a sua condição neste mundo: “eu sempre parecia estar atrasado, chegando quando ninguém estava mais me esperando”¹¹. Um inapto, um *outsider*, um fora do mundo, um excluído, alguém que sempre chega atrasado, que sempre chega quando não deveria. Uma pessoa mediana, “de uma maneira absolutamente perfeita, possui intimamente as

7 Ibidem, p. 41, “like a bird but without having to fly” trad. minha

8 Ibidem, p. 5, “I had the strange feeling that I ought to go back. I put my fiddle between my jacket and waistcoat, settled down thoughtfully on the footboard, and feel asleep” trad. minha.

9 Ibidem, p. 27, “where they grow oranges” trad. minha.

10 MAGRIS, Claudio. *Dietro le parole*. Milão, Garzanti, 2002, p. 72, “la natura [...] è la dimora del viandante che nel prato, sotto il cielo, col ruscello e il mucchio di fieno, trova la bella casa preparategli dal buon Dio” trad. minha

11 VON HEICHENDORFF, Joseph. Op. Cit, 2002, p. 22, “I always seem to be a latecomer, arriving when nobody expect me anymore” trad. minha.

‘medianas’ qualidades humanas e nada além de humanas, tanto de ser um caso raro de humanidade”¹², uma pessoa que é o símbolo da humanidade, o símbolo do homem na visão deste barão fora do seu tempo que era Eichendorff.

2 – O direito de abandonar os direitos

Ci hanno insegnato la meraviglia
verso la gente che ruba il pane
ora sappiamo che è un delitto
il non rubare quando si ha fame¹³

“Naquela época estava com fome e vagava por Christiania, aquela cidade que ninguém deixa sem levar consigo as marcas”¹⁴. Assim começa *Fome*, o romance que o escritor norueguês Knut Hamsun escreveu em 1890, aos 39 anos de idade.

Nele, o escritor inventa um jovem que vaga ao longo de duas estações (o outono e o inverno) na cidade, sem saber por que e sem fazer nada de especial, além de sentir muita fome. Claudio Magris, citando Walter Benjamin, afirma que Hamsun “é um mestre na arte de criar o personagem do herói imprudente, bom para nada, folgazão e mal combinado”¹⁵, um tipo de personagem que já encontramos no livro de Eichendorff analisado acima, mas que agora alcança níveis de neurose e de loucura que não estão mais ligados à perda do mundo romântico alemão. O “bom-para-nada” de Hamsun é um personagem filho da sua época, um personagem que não se sente confortável em relação ao mundo em que vive.

Assim como o personagem de Eichendorff não consegue ficar no mesmo lugar por muito tempo, o personagem deste livro não está bem em meio aos seus concidadãos. Ele se sente diferente: “*não tinha eu também o direito de viver como todos os outros, como por exemplo Pascha, o livreiro antiquário, e Hennechen, o secretário à Navegação?*”¹⁶. Ele se sente maltratado pelo seu país, sente-se diferente dos cidadãos mais importantes. Não se sente reconhecido social e intelectualmente, sente que possui um nível maior àquele que lhe é

12 MAGRIS, Claudio. Op. Cit., 2002, p. 75, “in modo assolutamente perfetto, possiede così intimamente le ‘medie’ qualità umane e nient’altro che umane, da essere veramente un caso raro di umanità trad. minha

13 DE ANDRE’, Fabrizio. *Nella mia ora di libertà*. Em *Storia di un impiegato*. Milão, BMG - Ricordi 74321974242 (CD) 24 bit remastering, 2002.

14 HAMSUN, Knut. *Fame*. Milão, Adelphi, 2002, p. 11, “A quel tempo ero affamato e andavo in giro per Christiania, quella strana città che nessuno lascia senza portarne i segni...” trad. minha.

15 MAGRIS, Claudio. *Lanella di Clarisse*. Turim, Einaudi, 1999, p. 143, “un maestro nell’arte di creare il personaggio dell’eroe sventato, buono a nulla, perdigiorno e malandato” trad. minha

16 HAMSUN, Knut. Op. Cit., 2002, p. 64, “non avevo anch’io il diritto di vivere come tutti gli altri, come per esempio Pascha, il libraio antiquario, e Hennechen, il segretario della Navigazione?” trad. minha.

conferido, quer viver como o secretário da Navegação. Acredita ser superior aos outros, um ser que não pode viver bem em meio a outros medíocres. “O viandante de Hamsun é um intelectual super-moderno, um sensível precursor do novo”¹⁷, ele é um homem que estaria bem em meio aos outros intelectuais, mas por ser pobre e talvez esquizofrênico, não lhe é concedida esta honra. Temos um exemplo disso quando ele vai à redação do jornal que publica seus artigos para encontrar o redator chefe e lá é obrigado a se relacionar com os empregados dele. Estes encontros revelam a sua incapacidade de viver no lugar que a sociedade lhe impõe, pois consistem em um não entender-se e, sobretudo em um não considerar-se recíproco.

Knut Hamsun consegue, quase 100 anos depois de Eichendorff, representar maravilhosamente este incômodo: o incômodo de não se sentir em casa na própria casa, de não se sentir no lugar certo em meio aos próprios iguais. Este romance interpreta muito bem aquele pensamento niilista que, na época, estava destruindo as raízes do indivíduo, fragmentando a sua unidade e colocando em contraste o normal e fluir da vida com a tentativa de entender o sentido dela.

O personagem do livro, cujo nome não conhecemos, é um “folgazão [...] irrequieto, neurastênico, tenro e também brutal”¹⁸, um personagem estranho que segue realçando o traço de personagens construídos naquela época por muitos escritores, e que, como dissemos, vaga ao longo de duas estações e de quatro capítulos, em uma Christiania fria e chuvosa.

Ele escreve para viver, e vende seus artigos aos jornais locais, mas sem muita sorte e continuidade. Isso lhe causa problemas financeiros, e a fome se torna, ao longo de todo o romance, uma companheira do protagonista tanto quanto do leitor. Cada capítulo é a descrição do seu desespero para viver e para sobreviver ao frio e à fome. Deve pagar o aluguel do quarto onde vive e deve comer, mas ao mesmo tempo precisa desta fome para escrever, pois a fome é que o leva a escrever com habilidade. Sua escrita sai de dentro do seu corpo, “de suas depressões ou euforias, daquela êxtase do acabamento que lhe dá a fome, primordial pulsão que explode destruindo sua estrutura psíquica”¹⁹. Enlouquecido e faminto ele consegue criar, consegue escrever o que precisa para sobreviver. Consegue escrever artigos e livros e peças teatrais que depois joga fora. Consegue encontrar um amor que joga fora também por não saber lidar com este sentimento.

O livro, apesar de sua estrutura temporal linear, não possui um enredo, mas é um agrupado de episódios em que se representa um “único que se

17 MAGRIS, Claudio. Op. Cit., 1999, p. 146, “Il viandante di Hamsun è un intellettuale ultramoderno, un sensibilissimo precursore del nuovo” trad. minha.

18 Ibidem p. 145. “perdigiorno [...] smanioso nevrastenico, tenerissimo e insieme brutale” trad. minha.

19 Ibidem, p. 153, “dalle sue depressioni o euforie, da quell’estasi dello sfinimento che gli procura la fame, primordiale pulsione che si scatena scompaginando la sua struttura psichica” trad. minha.

encontra radicalmente sozinho no mundo, não contado e não contável porque sua existência, feita por instantes, é não dizível e evanescente”²⁰. O protagonista deste romance é um estrangeiro, um estranho, alguém que vem de longe, mas não se sabe de onde e que, sobretudo, não pode estar feliz e incluído em lugar nenhum. Alguém que consegue ser feliz só no desaparecimento, desaparecendo do mundo em que é obrigado a viver.

É um personagem neurótico, autodestrutivo e solitário, que só consegue viver o presente, não consegue planejar a própria vida, somente o imediato é a sua razão de vida, aplaca a sua fome com grandes comilanças para logo depois vomitar tudo de novo.

Mau e indiferente ao que acontece ao seu redor, mesmo quando precisa se concentrar para escrever o seu artigo, ele:

é agredido por pequenos e inúteis acontecimentos, por mínimas coisas que entravam no meu pensamento e perdiam aos quatro ventos minhas energias. Um cachorro que passava correndo, uma rosa amarela no ilhós de um homem, faziam vibrar meus pensamentos e me mantinham ocupado por muito tempo²¹.

E este comportamento o deixa em dúvida até sobre os desígnios que Deus tem sobre ele. Ele, um gênio, um grande escritor e filósofo, é obrigado a se distrair de seus pensamentos por culpa da normalidade do mundo. Distraído por aquelas coisas que são o cotidiano de muitos, mas que não conseguem ser o seu cotidiano.

Ele, ao contrário do “bom-para-nada” de Eichendorff, ama a cidade onde vive, gosta muito dela, até pensa em como torná-la mais bonita: “vem na minha cabeça que aquelas casas lá perto do mercado, aquelas lojas derrubadas cheias de velhos trapos arruinam todo o lugar, arruinam a praça do mercado, são uma vergonha para toda a cidade. Que nojo! Saia aquele nojo”²².

O protagonista de Hamsun fica observando as pessoas na rua, ele vive na cidade e a vê como um lugar para passear, errar, vagabundear até, mas sente um profundo desgosto pela feiura, pela pobreza e um amor pela beleza da sua cidade. O interessante é que ele pensa estas coisas, mas nem tem uma casa e mora no andar de cima de uma baía.

A fome, aos poucos, começa a se manifestar na degradação física e mental; um homem inteligente e culto que repentinamente tem sonhos e visões

20 Ibidem, p. 153, “singolo che si trova radicalmente solo nel mondo, irrelato e indicibile perché la sua esistenza, fatta di istanti, è imprevedibile e sfuggente” trad. minha.

21 HAMSUN, Knut. Op. Cit., 2002, p. 24, “é aggredito da piccole e futili vicende, da miserevoli inezie che s’insinuavano nel mio pensiero e disperdevano ai quattro venti le mie energie. Un cane che passava di corsa, una rosa gialla all’occhiello di un signore facevano vibrare i miei pensieri e mi tenevano occupato per molto tempo” trad. minha.

22 Ibidem, pp.134-5, “mi viene in mente che quelle baracche laggiù al mercato, quelle botteghe cadenti piene di stracci vecchi sciupano tutta la zona, rovinano la piazza del mercato, sono una vergogna per tutta la città. Che schifo! Via quel ciarpame!” trad. minha

e faz cálculos absurdos: “e indo em frente comecei a calcular quanto poderia custar o deslocamento de todo o instituto Geográfico, daquele lindo prédio que admirava toda vez que lhe passava em frente”²³. O deslocamento do Instituto Geográfico é calculado com uma precisão quase maníaca, coisa que nos dá a medida da sua loucura.

Na moderna sociedade representada por Hamsun não há espaço para os poetas, escritores ou artistas: o protagonista do livro é marginalizado, um *outsider*, que para poder exercer seu trabalho se torna um neurótico e se exclui totalmente da sociedade. Os grandes poetas, grandes homens, para Hamsun, são

aqueles que morrem, as existências destruídas ao nascer pela realidade, porque inaptas a aceitar a sua boba dureza [...] o adolescente quebrado pela repressão moral e social, incapaz de adaptar-se à realidade e inapto então a crescer e maturar, relutante a qualquer formação²⁴.

As vítimas da sociedade, aqueles que não conseguem ser vencidos por ela e nem se integrar nela. Aqueles que simplesmente se recusam a viver. Os que ficam por fora, aqueles que não escrevem ou que escrevem peças de teatro, como o protagonista do romance, e depois as jogam fora; aqueles que não deixam nada escrito, aqueles que não deixam um signo de si neste mundo. O protagonista de *Fome* é um exemplo disso, vive a sua vida como um nada, consumindo-a e baseando-a no nada, no vazio. Pode parecer um louco, mas na realidade a loucura não é uma condição única do homem, é a condição do mundo, “a loucura não é o caso ilhado de um indivíduo, mas é a condição geral da época [...] ouniversal perturba o individual, assim como o dedo que Deus põe na rede dos nervos do protagonista de Fome, desordenando todos os fios”²⁵. Um protagonista que é enlouquecido pela deusa-sociedade. Uma sociedade doente que enlouquece seus atores e que não deixa espaço para a vivência do indivíduo.

Referências

- CANEVACCI Massimo. **La città polifonica**. Roma, Seam, 1984.
- DOUEK, Sybil Safdie. **Memória e exílio**. São Paulo, Editora Escuta, 2003.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

23 Ibidem, p. 135, “e andando avanti incominciai a calcolare quanto poteva costare il trasferimento di tutto l’Istituto Geografico, di quel bell’edificio che ammiravo ogni volta che gli passavo davanti” trad. minha.

24 MAGRIS, Claudio. Op. Cit., 1999, pp. 152-3, “coloro que periscono, le esistenze stroncate sul nascere dalla realtà, perché inadatte ad accettarne la stupida durezza [...] l’adolescente spezzato dalla repressione morale e sociale, incapace di adattamento al reale e inetto quindi a crescere e a maturare, riluttante ad ogni formazione” trad. minha.

25 Ibidem, p. 154, “la pazzia non è il caso isolato di un individuo, ma è la condizione generale dell’epoca [...] l’universale sconvolge l’individuale, come il dito che Dio mette nella rete dei nervi del protagonista di Fame, disordinando tutti i fili” trad. minha.

-
- HAMSUN, Knut. **Fame**. Milão, Adelphi, 2002.
- MAGRIS, Claudio. **Dietro le parole**. Milão, Garzanti, 2002.
- _____. **L'anello di Clarisse**. Turim, Einaudi, 1999.
- PERNIOLA, Mario. **Transiti**. Roma, Castelvechi, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. **Gli abusi della memoria**. Napoles, Ipermedium libri, 2001.
- _____. **La conquista dell'america**. Turim, Einaudi, 1992.
- VON HEICHENDORFF, Joseph. **Life of a good-for-nothing**. Londres, Hesperus Press Limited, 2002.

